

MEMÓRIAS DOS APOSENTADOS

Gustavo Dantas de Melo

Procurador de Justiça

APMP: Por que escolheu ser promotor?

O Ministério Público para mim foi um sonho da juventude que se tornou realidade. Desde os tempos em que cursava o colegial, na cidade de Pouso Alegre, me admirava a oratória do meu conterrâneo e professor de português, Dr. Alberto Péres. Também, já nessa época, costumava assistir as sessões do Tribunal do Júri daquela cidade, onde pontificava o Promotor Júlio Aprilino, com sua voz grave e admirável poder de síntese. Causava-me igual admiração a atuação brilhante, especialmente a rica argumentação do notável advogado Rômulo Coelho, mestre da tribuna da Defesa. Foi, sem dúvida, um período de grande aprendizado. O despertar do ideal de trilhar os caminhos da advocacia, ou o desejo de – quem sabe – um dia ser Promotor.

Mais tarde, não tive dúvida, fiz vestibular na Faculdade de Direito da Universidade de Juiz de Fora, em 1958. Fui aprovado em 2º lugar. Também tive a felicidade de ser bom aluno de excelentes mestres. Estagiei por 3 anos em escritório de advocacia, adquirindo experiência. A formatura aconteceu em 1962. Depois, de volta à terra natal, Borda da Mata/MG, iniciei as lides da advocacia.

Casei-me em 10/12/1963 com Maria Jóia de Melo e tivemos os filhos Regina, Luiz Gustavo, Rosana e Renata, que nos presentearam os netos Gabriel, Mariana, Gustavo, Ana Júlia, João Víctor e Ana Luísa. Até 1966, trabalhei no período da tarde em meu escritório de advocacia. Pela manhã, cumpria rigoroso plano de estudos das 05:00 às 11:00 horas, obstinado a alcançar o meu ideal profissional.

Após uma reprovação no Ministério Público de São Paulo, me inscrevi em Minas Gerais, em dezembro de 1966. Então, fui aprovado em 5º lugar. Tive direito de escolher a Comarca, sendo nomeado Promotor de Justiça de Bueno Brandão. Ali permaneci até 13 de fevereiro de 1969, data em que, seguindo o exemplo de alguns colegas promotores mineiros, como Wilson Jóia e Gil de Almeida, consegui aprovação em 11º lugar, ingressando assim no Ministério Público paulista.

Amo o Direito e, mesmo aposentado, continuo a lutar pelos ideais de Justiça e para a construção de um mundo melhor, o que pode ser comprovado através de meus escritos no blog "gustavodantasdemelo.blogspot.com". Outras fontes são os livros de minha autoria: "*Reflexões*" (2001), "*Farpas do Coração*" (2009), editados pela APMP e "*Construindo Vidas*" (2013), pela Gráfica Nossa Senhora do Carmo de Borda da Mata/MG.

APMP: Como foi o concurso e qual o número do mesmo?

No meu concurso, cujo número não me recordo, foram aprovados somente 20 (vinte) candidatos. Era o limite de aprovação naquela época. Por essa razão, extremamente difícil e disputado. Lembro-me de dois examinadores que compunham a banca: Papaterra Limongi e João Severino de Oliveira Péres, ambos "gentlemen", autênticos expoentes do Ministério Público de São Paulo, tendo ocupado os mais elevados cargos da nossa Instituição. Deixaram muitas saudades. Sou da turma de Araldo Ferraz Del Pozzo, Nilson Vital Naves, Munir Cury, Waldir Snick e Mamede José, dentre outros nobres companheiros.

APMP: Como foi a primeira experiência como substituto?

Como substituto, durante aproximadamente 01 ano, exerci, na Capital, atribuições de Curador de Família e Sucessões, Curador de Acidentes do Trabalho e em outros setores. Substituí também os titulares das Comarcas de Cananéia, Eldorado, Araçatuba e Marília.

Em razão de minhas atividades anteriores, como estagiário, advogado e Promotor mineiro, além das orientações recebidas no curso preparatório aos promotores substitutos, não encontrei maiores dificuldades. Apenas muito serviço. Quando estive em Araçatuba e Marília, foi necessário permanecer no hotel nos finais de semana, aumentando a enorme saudade da esposa e de meus dois primeiros filhos, então com 02 e 04 anos.

APMP: Qual foi a primeira comarca e como foi a experiência nela e em outras acumuladas?

Em 1970, assumi a minha primeira comarca: São Luiz do Paraitinga, a terra de Oswaldo Cruz. Cidade histórica de casarões antigos. Gente amiga, simples e humilde. O fórum ficava na praça principal, em prédio com instalações precárias. Pouco serviço. Quando cheguei, as audiências eram apenas uma vez por semana. Todas designadas para as 13:00 horas e ainda muitas vezes remarçadas. Evidentemente, incomodava-me essa prática abusiva e desrespeitosa aos direitos dos cidadãos.

Com a chegada do meu amigo, Euclides Calil, novo juiz de direito titular, tudo mudou e a pauta de audiências passou para terça, quarta e quinta e designadas com intervalos normais. Permaneci em São Luiz até 1.973. Período muito bom e tranqüilo. Ali fixei residência. Fui designado várias vezes para sessões do Tribunal do Júri da Comarca de Taubaté, com gratificantes atuações. Sempre amei o Júri, expressão da Democracia e do julgamento popular soberano. Há situações e casos especiais em que só o entendimento dos cidadãos leigos é capaz de encontrar a decisão justa. Por isso, alinho-me entre os defensores da Instituição.

APMP: Quais as dificuldades para se trabalhar na época (telefone, transporte, situação dos fóruns)?

As instalações da Promotoria eram precárias. Nenhuma estrutura como acontece hoje. Apenas papel sulfite. Sala sem telefone próprio, muito menos funcionário auxiliar. Utilizava minha pequena máquina de escrever portátil, a grande companheira de todos os dias. O transporte era pessoal, na época um fusquinha azul.

Quanto ao fórum de São Luiz era um casarão velho e não oferecia qualquer conforto. No entanto, os serventuários e oficiais de justiça eram eficientes e dignos, o que tornava bom o ambiente de trabalho.

APMP: Como foram as passagens para as entrâncias (promoções e remoções)?

Tive a felicidade na carreira de ter sido promovido, por merecimento, em todas as entrâncias: São Luiz do Paraitinga (1970), Cruzeiro (1973), Mogi das Cruzes (1974), São Paulo (1980) e Procuradoria de Justiça (1988). Aposentei-me em agosto de 1990. Nunca pleiteei remoção.

APMP: Quais eram o procurador-geral e o corregedor-geral da época?

O procurador-geral era Paulo Salvador Frontini, se não me falha a memória. Não me recordo de quem ocupava o cargo de corregedor-geral.

APMP: Qual era o cenário político da época (se quiser descrevê-lo).

Sinceramente, desconheço esse detalhe por não ter acompanhado as lides políticas daquela fase da minha vida funcional.

APMP: Se atuou no Tribunal do Júri, conte-nos a sua experiência. Outrossim, fale-nos dela na área criminal, em geral, e na cível.

Como já tive oportunidade de salientar, sou ardoroso defensor do Tribunal do Júri. Já fui palestrante sobre essa instituição de que sou apaixonado. Seja como promotor, ou como advogado, fui e sou militante nessa área. Em Mogi das Cruzes, enquanto lá estive, assumi as atribuições de Promotor da Vara do Júri, presidido pelo magistrado José Elias Habice Filho, meu particular amigo, hoje desembargador aposentado. Essa foi uma honrosa delegação de meus amigos e colegas Walter Nogueira Garcez, Irahí Baptista de Abreu, Camilo Vaz Ferreira e Norberto Fontana.

O promotor tem que ser um clínico geral dos males forenses. Contudo, devo confessar que minha experiência funcional foi maior na seara criminal. A área cível, realmente, não é a minha praia.

Quero salientar a importância de uma das funções ministeriais de enorme alcance social: o atendimento ao público. Em época que inexistiam os Juizados Especiais, exerci esse mister árduo, mas dignificante. Procurei solucionar conflitos e harmonizar as partes litigantes. Tenho consciência da relevância desse trabalho preventivo dos promotores e o quanto contribuiu para desafogar o Poder Judiciário, sempre assoberbado pelo crescente volume de ações.

APMP: Se foi PGJ, Corregedor, Conselheiro, membro do Órgão Especial ou da Comissão de Concurso, conte-nos a sua experiência.

Não militei na política da nossa querida instituição, mas estive sempre atento, apoiando e solidário com o notável trabalho daqueles que, com honestidade e transparência, se dedicam ao exercício de tão importantes atividades institucionais. Essa vocação é de transcendental relevância para o Ministério Público. Felizmente, sempre contamos com líderes autênticos, incansáveis na defesa de prerrogativas e valores essenciais à carreira ministerial, dignificando a nossa instituição.

Fui professor titular da cadeira e Introdução ao Estudo do Direito, por 14 anos, na Faculdade de Direito da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). No início desse nobre sacerdócio, tive a honra de ter sido assistente do meu saudoso amigo e mestre incomparável, João Severino de Oliveira Péres.

A carreira do professor universitário, embora mal remunerada, é de suma importância. Foi um dos melhores períodos de minha vida. O alegre convívio com os alunos, procurando transmitir-lhes conhecimentos e valores existenciais, foi gratificante demais! Valeu a pena!

Na carreira, nunca tive inimigos. Pelo contrário, orgulho-me de ter desfrutado da honrosa amizade de todos os dignos colegas, serventuários e magistrados com os quais trabalhei.

APMP: Se atuou fora da carreira, fale sobre a sua experiência.

Nunca me licenciei para outras atividades fora da carreira.

APMP: Como foi a aproximação da aposentadoria e depois dela?

Aposentei-me em agosto de 1990, aos 51 anos, após 30 anos de serviços. Tinha as minhas razões pessoais, de natureza familiar. Contudo, reconheço ter sido precoce. Mas não me arrependo, pois acredito que estava nos planos de Deus. Cumpri e estou cumprindo várias missões importantes na minha vida, com o desejo de acertar, embora consciente de minhas limitações.

É certo que jamais me aposentei do trabalho. Tenho uma agenda intensa, quer na área de atuação jurídica, quer como voluntário na vida comunitária. Nas obras retro citadas, *“Reflexões”* e *“Farpas do Coração”* (2001 e 2009) editados pela APMP, o primeiro, uma reunião de crônicas, o segundo, um livro de memórias, bem como no opúsculo *“Construindo*

Vidas” (2013), a síntese de um trabalho voluntário em favor dos adolescentes, editado pela Gráfica Nossa Senhora do Carmo, escancarei meu coração e neles deixei gravado, para a posteridade, tudo o que consegui desvendar nessa breve existência.

Quero agradecer aos colegas do Ministério Público pela excelente oportunidade de compartilhar dessa nossa história de serviços à cidadania e à sociedade paulista e brasileira.

Amigos, ao finalizar essa gratificante entrevista, desejo externar a minha alegria e honra de ter sido Promotor de Justiça. Foi muito bom ter feito tantos amigos, tesouros de valor inestimável!

Tudo é dom de Deus, autor da vida, fonte de “*água viva*” e de toda a sabedoria. A Ele, confesso a minha fé, confiança absoluta e gratidão por seu amor incondicional. Obrigado pela graça de participar do banquete da vida! Oxalá, mercê da sua Misericórdia, possa também um dia gozar da vida eterna, na Casa do Pai revelada por seu filho Jesus!

Borda da Mata/MG, 31 de março de 2014.

Gustavo Dantas de Melo – Procurador de Justiça